



Joyce DiDonato (mezzo-soprano)
e Manuel Palazzo (bailarino)

Mú
si
ca

Música em tempo de caos

O espetáculo multimédia de Joyce DiDonato chegou finalmente a Lisboa

TEXTO JORGE CALADO



★★★★

DIDONATO: IN WAR & PEACE

Palazzo (coreografia), Pleger (encenação), Iskandar (vídeo), Il pomo d'oro, Emelyanychev (d)

DVD Erato/Warner

★★★★

DIDONATO: EM GUERRA E PAZ

Palazzo (coreografia), Iskandar (vídeo), Il pomo d'oro, Emelyanychev (d)

Gulbenkian, Lisboa, dia 22 de maio

No panorama atual da música lírica (ópera), Joyce DiDonato é uma cantora de topo que detesta a rotina. Arrisca estreitar óperas novas, colabora com a estilista Vivienne Westwood em recitais temáticos, experimenta papéis para além da sua zona de conforto. (A assunção da protagonista de “Semiramide” na Royal Opera de Londres em dezembro passado ficará como um dos *highlights* da temporada.) E — o que talvez seja o mais importante — tornou-se uma empenhada embaixadora dos valores da música dita clássica ou de concerto. O seu mais recente projeto é a resposta individual (mas socialmente significativa) à perplexidade que sente perante os desafios do mundo contemporâneo. Que fazer em tempos caóticos e imprevisíveis, quando as guerras e as disputas rebentam por todo o lado, os loucos e os palhaços abarbatam o poder por via democrática, os aliados naturais cedem a egoísmos descontrolados e a corrupção alastra em todas as classes, da política à

desportiva e à académica? Ao primeiro ouvido, a música surge particularmente habilitada para dar uma resposta. A harmonia nasceu na música; é mesmo um dos seus elementos naturais, precisamente aquele que lhe confere textura e significado. No projeto “Em Guerra e Paz”, DiDonato serve-se da música barroca para encontrar um caminho possível no meio do caos político, económico (tarifas), moral (corrupção), meteorológico (aquecimento global), comunicacional (das redes sociais às notícias falsas), cibernético (*hacking*), etc., em que vivemos. Como reencontrar a paz? As escolhas musicais — com a imprescindível colaboração de Il pomo d'oro sob a direção do jovem Maxim Emelyanychev (que acaba de ser nomeado maestro principal da Scottish Chamber Orchestra) — pareceram-me acertadas. Não só Handel — para citar apenas o compositor dominante no programa — é um mestre da harmonia (musical), como invoca constantemente o tema da harmonia

nas suas composições vocais. Por exemplo, a famosa “Ode para o Dia de Santa Cecília” (1739) abre com o tenor a proclamar que “From harmony, from heav’nly harmony / This universal frame began”. A harmonia musical é, afinal, a harmonia científica do universo — a música das esferas. Por outro lado, a ópera barroca vive da dialética entre os assomos furiosos e os lamentos tranquilos, entre o *vivace* e o *largo*, entre a guerra e a paz interior. Apropriadamente, DiDonato incluiu no programa o sublime “Lamento” da Dido, de Purcell. O problema é que a I parte do programa, dedicada à Guerra, soou musicalmente indiscernível da segunda, consagrada à Paz. Se o Conflito dá que pensar, o Amor é uma forma de violência. Posto isto, tenho de confessar que achei o projeto (concerto em Lisboa e DVD homónimo filmado no Gran Teatro del Liceu, em Barcelona) ultraproduzido e ultracomercializado. As intenções serão boas — podem, até, ser as melhores — mas pecaram por *overkill*,



enfeitadas de sentimentalismo americano. Estranhamente, passei o concerto a pensar que uma apresentação mais direta e singela do mesmo programa seria muito mais eficaz. Entrei no auditório cedo, com o palco na penumbra (e como tal se manteria durante o concerto), sem músicos, mas com DiDonato sentada no seu poleiro. Para quê? Vá lá, desta vez a indumentária concebida por Westwood era mais comedida e, à distância, a tatuagem da têmpora e pescoço à base de *make up* menos agressiva do que as fotos deixavam supor. Como era de esperar de uma artista de apurada musicalidade, o canto foi aceitável (embora sem a transcendência de outrora), mas as contorções coreográficas de Manuel Palazzo pouco acrescentaram à *performance*, e o vídeo de Yousef Iskandar, com a chuva miudinha de pétalas de rosa (mimetizada ao vivo pela cantora e bailarino), ainda menos. Duas ou três semanas antes, naquele mesmo auditório, a execução sem espalhafato do “War Requiem”, de Britten, tinha sido muito mais eloquente em favor da Paz.

À entrada, o público fora mimoseado com um envelope (da Hallmark, pois claro, que o capitalismo aproveita as boas intenções dos outros), com uma mensagem de Joyce convidando-nos a responder à pergunta que estava na origem do projeto: como encontrar a paz no meio do caos? Não podiam faltar os chavões americanos da *journey* e do *sharing* (revisitados nos dois discursos com que nos brindou no fim do concerto, entremeados por um par de extras: a ária ‘Per che di giubilo’, da ópera “Attilio Regolo” (1753), de Niccolò Jommelli, e ‘Morgen’, de Richard Strauss; foi tão estranho ouvir a canção de Strauss tocada por uma orquestra barroca como seria para Handel escutar o ‘Lascia ch’io pianga’, de “Rinaldo”, ampliado por uma orquestra moderna). Joyce DiDonato estava em casa, a pregar para os convertidos (que saíram do concerto tão contentes como o Dr Pangloss). A resposta de DiDonato à crise é Amor (como na adivinha de Calaf no III ato de “Turandot”). Mais subtil, talvez, seria Silêncio, a forma mais sublime de música (como infere o pianista Andrés Schiff, citado no programa de sala). Infelizmente, creio que só há uma resposta: Luta! Às vezes é preciso fazer a guerra para alcançar a paz. ●